

A TECNOLOGIA COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA MODALIDADE EJA

Hileanna Karla Barbosa Bernardes¹-UEPB

Maria Juliana Leopoldino Vilar²-UEPB

RESUMO

O ensino de geografia no Brasil passou e passa por diversas modificações no decorrer da sua trajetória histórica. O ser humano por ser um agente transformador do meio em que vive, ele está sujeito a constantes transformações em sua comunidade. Essas alterações se deram por meio das modificações que foram ocorrendo com a própria sociedade no decorrer da história. As pessoas passaram a ter a necessidade de um conhecimento crítico para poder cobrar os direitos e deveres no âmbito social. Do mesmo modo que a sociedade evoluiu, a educação tem que está adequado as necessidades requerida pela a sociedade. Assim sendo, fica inviável que se possa haver uma aprendizagem baseada na realidade, se o ensino não está adequado a realidade do aluno. O presente artigo é resultado de uma pesquisa que foi realizada através do PIBID. E tem por objetivo estimular aos professores da EJA a implantar novas metodologias de ensino e inserir novos instrumentos de trabalho para dinamizar as aulas, visto que, foi observada uma visão negativa e pessimista na Educação de Jovens e Adultos, e também há uma preocupação, o tempo resumido para o entendimento do assunto e tem que ser trabalhado algo mais atrativo a fim de que não se torne cansativo. Para a formação desse trabalho foi seguido algumas etapas básicas, assim como a pesquisa bibliográfica em internet, em artigos, revistas científicas e livros com a intenção de alicerçar o referencial teórico e metodológico do artigo. A pesquisa empírica foi abordada pelo PIBID, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo, na cidade de Guarabira, Paraíba.

Palavras-chave: EJA, PIBID, novas metodologias, tecnologias, recursos didáticos.

INTRODUÇÃO

Falar, atualmente, do ensino da geografia no Brasil significa pensar nos problemas enfrentados por ele. Problemas estes que são repetitivos e antigos, muitos deles estão ligados à formação dos professores e a metodologia utilizada pelos mesmos nas suas aulas. O mundo está em constante mudança e com ele deve se mudar a metodologia de ensino também.

¹ Aluna Bolsista do Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. UEPB/CH-CAPES

² Orientadora do trabalho. Professora e coordenadora do Pibid na UEPB- CAMPUS III.

O ensino de geografia passou por diversas transformações no decorrer de seu percurso histórico. Houve três fases que foram importantes e que até hoje deixam marcas no ensino. A primeira foi a Geografia Tradicional ou Clássica, onde o conhecimento era pautado nos estudos decorativos. A segunda era a Geografia Quantitativa, nela só se preocupava com a quantidade e não com a qualidade. E a terceira e última fase, a que estamos atualmente é a Geografia Crítica, onde o homem passa a ser um agente transformador na produção e conscientização do saber geográfico, estando mais próxima das realidades sociais vivenciada.

Essas alterações se deram por meio das modificações que acompanharam a própria sociedade no decorrer da história. E como a geografia tem o objetivo de estudar e interpretar o espaço geográfico, essa disciplina tem que se adaptar as novas necessidades das que esta sociedade apresenta. Porém parece que essas mudanças não foram adequadas a todos os professores, que ainda continuam na monotonia de aulas tradicionais e não se adequam no tempo e ao espaço em que está inserido atualmente.

Então, os novos parâmetros educacionais foram inseridos para adequar e atualizar o ensino com métodos mais eficazes. Na última alteração feita na LDB foi a de nº 9394/ 96 houve uma alteração em relação à idade mínima e a máxima que o Estado deve se responsabilizar pelo ensino gratuito. Atualmente a idade mínima para ter acesso à educação básica é de quatro anos e máxima é de dezessete. Com isso perceberam um grande número de jovens e adultos fora da faixa etária básica de educação.

Assim, foram inserindo alguns artigos a fim de melhorar e garantir a educação para todos. Nela foi plantadas modalidades de ensino para assegurar que realmente todos tivessem acesso à escola, incluindo aqueles que estavam fora da faixa etária de idade, e muitas vezes fora da escola a muito tempo.

A EJA – Educação de Jovens e Adultos – é a modalidade de ensino baseada para jovens e adultos, como o próprio nome já diz, que não estudaram, por algum motivo, na idade certa no ensino regular. O objetivo da EJA é aplicar os conteúdos de maneira mais resumida e ao mesmo tempo completa e sempre voltada para a realidade dos problemas enfrentados diariamente pelo estudante.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada através da experiência do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). E tem por objetivo principal estimular aos professores da EJA a implantar novos instrumentos de trabalho para dinamizar as aulas, a fim de que os alunos não se sintam cansados em estar ali estudando, pois a maioria deles trabalha e no horário de aula estão enfadados, fazendo como que eles possam se sentir atraídos pelo ensino e motivados a continuar seus estudos.

E os objetivos específicos é a valorização do ensino da EJA; avaliar as práticas de ensino na Escola Estadual Antônio Benvindo; e promover a construção do conhecimento, dentro de um espaço de ensino-aprendizagem relacionando a realidade do aluno.

Para a construção desse trabalho foi seguido algumas etapas fundamentais, bem como a pesquisa bibliográfica em internet, em artigos, revistas científicas e livros com a finalidade de alicerçar o referencial teórico e metodológico. O resultado da pesquisa foi encontrado na prática do PIBID, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo, na cidade de Guarabira, Paraíba.

IMPORTÂNCIA DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DA LICENCIATURA

O PIBID – Programa de Institucional de Bolsa e Iniciação a Docência – é um método que foi desenvolvido pelo Ministério de Educação que procura acatar as atribuições legais da CAPES (Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo objetivo é incentivar a formação docente para a educação básica, onde leva os acadêmicos que escolherem pela carreira docente a contribuir para uma didática de caráter inovador, através de novos planejamentos que norteiam a educação.

Esse programa é importante pelo fato de valorizar e incentivar o curso de licenciatura de iniciação a docência. É fundamental, pois é onde o acadêmico fortalecer o seu conhecimento crítico em conexo com a educação. E ainda desenvolve pesquisas visando melhorar no ensino público brasileiro.

Dessa maneira todos ganham com esse projeto, visto que o professor supervisor pode se inovar com as metodologias que foram trabalhadas durante o programa. E os alunos são os que mais ganharão pelo fato de aperfeiçoar o ensino o Brasil e estar diante da prática de ensino, onde tem a oportunidade de usar toda a teoria adquirida no curso de licenciatura.

COMO É O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?

A EJA é uma modalidade de Ensino que tem cada vez mais aumentado o número de pessoas a procura para a conclusão do ensino básico. E também tem havido um grande destaque na educação brasileira. Assim, a busca pela conclusão da educação básica em tempo reduzido tem levados não só adultos, mas também vários jovens a recorrer essa alternativa de

estudo para alcançar uma redução no tempo, ou até mesmo reconquistar um tempo de estudo que foi perdido por algum motivo.

Nesta perspectiva o ensino de geografia muitas vezes é encarado como uma disciplina sem visivelmente nenhuma função, e mais uma vez acaba por ter sua importância político-social descuidada. Quando na verdade, a geografia é uma disciplina que visa à compreensão e interpretação do espaço geográfico. Sendo assim, um conhecimento necessário à formação básica do indivíduo, capaz de formar uma consciência crítica, onde o mesmo possa questionar e não aceitar tudo que lhe é imposto pela sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos tem que possibilitar ao indivíduo retornar ao seu potencial, desenvolver as suas competências básicas, habilidades extraescolares e na própria vida. Assim, no ensino da EJA todos os assuntos e conteúdos trabalhados devem estar relacionados de modo mais intenso a realidade dos alunos.

Porém a preocupação é como está sendo o ensino nessa modalidade? Será que os professores e os alunos estão se envolvendo o quanto merece atenção esse ensino? Será que o ensino de Geografia tem atendido as necessidades atuais?

Segundo Celso Antunes (2012), é inútil à aplicação de muitos conteúdos sem relacioná-los com a realidade, assim não adiantaria a carga de saberes que foi adquirido com a experiência de vida. Ele diz:

Qualquer adulto de hoje que tenha passado pela escola de tempos atrás, caso tivesse guardado tudo quanto aprendeu, poderia deliciar plateias com sua memória prodigiosa e burrice indômita. Pois tantas coisas na lembrança seria carga inútil, saberes sem qualquer valor para a vida e para o trabalho. (ANTUNES, 2012, p. 11)

Assim fica explícita a importância de uma aprendizagem baseada no cotidiano do aluno e não precisa que os conteúdos sejam extensos, basta que tenham relação com a realidade deles. ANTUNES, 2012, ainda acrescenta que “os conteúdos curriculares ensinados a alunos adultos devem ser enxutos, breves e essenciais” (p. 12). Cabe a assim ao geógrafo educador aceitar e utilizar uma vertente de pensamento geográfico que melhor se adapte a realidade do educando.

Uma sociedade marcada pelas tecnologias de informação e comunicação exige, cada vez mais, indivíduos conscientes, pensantes, capazes de fazerem uma leitura da complexidade do mundo de forma consciente e crítica. Afinal, há urgência de novas formas de se pensar a Terra como local de sua morada, finita em seus recursos naturais, requerendo de suas habitantes atitudes político-ambientais mais adequadas, visando a manutenção de uma qualidade de vida mínima. (BORGES NETO, 2008, p.6)

Dessa maneira o professor da EJA tem que atualizar a metodologia de ensino para se adequar no tempo que é proposto e pode realmente chamar atenção do aluno para a realidade em que ele se enquadra. Ao inserir novas tecnologias no ensino faz com que o aluno preste mais atenção nas aulas, pois incentiva ao aluno numa boa utilização desses recursos. Onde eles podem começar a usar essas tecnologias ao favor deles no aprimoramento de conhecimento.

De acordo com SELBACH (sup. Geral), 2010:

A rapidez com que se dá a produção do conhecimento e a maneira ágil como circulam as comunicações no mundo globalizado impõem novas demandas para a vida e, naturalmente, para a escola. Hoje, mais que antes, é essencial que o professor aprenda a conviver com a provisoriade e com a incerteza, com o imprevisto e com as novas tecnologias. Isso requer o esforço de uma **aprendizagem contínua**, isto é, da busca da autonomia na construção e na renovação do conhecimento, de suas competências e habilidade. (SELBACH, Simone (sup. Geral), 2010, p. 92)

Assim como afirma a autora nessa citação assim, fica claro que é preciso o professor se capacitar e adaptar ao novo modelo e todos de ensino. Onde tem que utilizar as tecnologias para chamar atenção do aluno para que esta realmente seja um instrumento de aprendizagem. Desse modo, é preciso que o professor sempre esteja habilitado para essas mudanças no mundo em que vivemos, e ensinar os conteúdos aos alunos de forma que eles possam estar preparados para o mundo.

Não é uma tarefa fácil, porém não é impossível. E também não adianta querer utilizar um recurso tecnológico se não sabe manipular esse instrumento de trabalho. Um exemplo, é envolver alunos de uma turma em rede sociais para incentivar círculos virtuais de trabalho, mas para que isso ocorra e der certo é preciso que o professor tenha um conhecimento sobre o recurso utilizado e possa facilitar o ensino nesse meio.

O que falta para nós brasileiros é um incentivo maior para os professores, capacitação para os mesmo, a fim de modificar e atualizar o ensino com métodos que envolvam as tecnologias, sabendo assim como utilizar no cotidiano de sala de aula ou até mesmo extraclasse.

Outra questão sobre o ensino da EJA é que nessa modalidade de ensino tem que se ter em mente que não se pode ensinar geografia a um adulto como se ensinam a uma criança, eles não aprende de maneira igual. Para Celso Antunes, 2012, o professor tem que “saber o que ensina e quem se ensina incentivando o aprender com um método eficiente e esse método,

por sua vez, busca construir aprenderes com significação, contextualização e emprego de habilidades operatórias diferentes”.

E SELBACH (sup. Geral), 2010, ainda acrescenta dizendo que “aprender é informar e, dependendo da natureza da informação, pode se também se transformar”. Para que haja essa transformação é preciso que o aluno entenda a importância do assunto para a realidade dele, fazendo com que ele aprenda e se transforme com isso.

RESULTADOS OBTIDOS

Um dos grandes obstáculos do ensino da geografia na EJA é o tempo, ou a falta dele. O professor precisa correr contra o tempo e estar preparado para apresentar os conteúdos de forma reduzida e participativa e interativa. O cansaço dos alunos que trabalham o dia inteiro para estudar a noite também é um obstáculo. A idade avançada de alguns que encaram a sala de aula como algo muito enfadonho e cansativo, e ainda uma grande maioria de alunos desestimulados, que a única coisa que eles almejam é o certificado.

Esta experiência no PIBID, fez com que pudéssemos acompanhar de perto o cotidiano das turmas da EJA, bem como suas dificuldades e desafios. O primeiro passo, portanto foi um levantamento de dados sobre o ensino de geografia nestas turmas, as dificuldades e também as propostas dos alunos para o ensino desta disciplina.

E pelo diagnóstico foi observado que os alunos achavam o ensino muito cansativo por que eles trabalhavam durante o dia e quando chegava à noite iam estudar, sentiam dificuldades, pois a maioria dos professores optava por escreverem e isso era muito fadigoso, uma vez que eles exerciam atividades remunerativas nos turnos da manhã e tarde, assim a noite já estavam exaustos. Então, eles queriam algo que chamasse a atenção se e não cansassem e tanto. Mas que todos pudessem participar.

Desse modo, foram preparadas aulas mais diversificadas, com dinâmicas, vídeo aulas, jogos enfim. Tudo para chamar a atenção do aluno e para não se cansassem tanto. Sem falar que como essa metodologia é mais fácil haver uma interação entre professor e aluno, assim como afirma CATELLAR, 2010:

Os jogos e as brincadeiras são situações de aprendizagem que propiciam a interação entre alunos e entre alunos e professor, estimulam a cooperação, contribuem também para o processo contínuo de descentralização, (...), ao mesmo tempo que ajudam na formação de conceitos. Isso significa que eles

atuam no campo cognitivo, afetivo, psicomotor e atitudinal. Eles permitem integrar as representações sociais adquiridas pela observação da realidade e dos percursos percorridos no jogo. Podemos afirmar que os jogos auxiliam a aprender a pensar e a pensar sobre o espaço em que se vive. (CASTELLAR, 2010, p. 44)

Assim, foram procuradas algumas maneiras diferentes e atrativas, com jogos ou brincadeiras, recursos áudios visuais, grupos de debates para que houvesse uma interação dos alunos com a professora, no decorrer das aulas. É importante que não se trabalhe com jogos pelos simples motivo de querer modificar a rotina, mas que tenha uma relação no conteúdo com a brincadeira escolhida para que tenha sentido ao aplicar ao aluno. E também é necessário que não ao utilizar um recurso didático além do livro é necessário que saiba manuseá-lo.

As aulas com o uso do recurso áudio visuais passaram a ser mais atrativo para os alunos. Eles viam e depois debatiam com a professora sobre o assunto. Desse modo, eles mesmos conseguiam relacionar o conteúdo com a realidade deles e ficavam abertos para novos conhecimentos. As tecnologias estão aí para serem usadas da melhor forma e se os alunos tem acesso a elas então tem que usar como fonte de trabalho, um instrumento que pode ser usado a favor e não contra o ensino. Eles realmente se motivam, participam, perguntam e questionam. As aulas ficam mais interativa e participativa dando ao ensino de geografia na EJA outro sentido, associando realmente a vivência diária dos alunos com a geografia.

No uso de jogos e brincadeiras a professora apresentava o conteúdo sem escrever muito no quadro e nem se fixar no livro didático. Mas ela utilizou o método de tópicos escritos no quadro como forma de resumir o assunto e explicava logo em seguida. No termino do conteúdo era aplicado uma dinâmica de avaliação, com perguntas e respostas, revisando o que foi trabalhado e o que realmente ficou entendido. E os alunos gostaram da ideia e participavam, porém eles tiveram que de inicio ter um incentivo para participar, que poderia ser nota ou balas e pirulitos.

No grupo de debate foi trabalhado assunto onde os alunos pesquisavam em casa apresentavam o conteúdo para a turma e daí ia gerando um debate entre os grupos que tinha assuntos que se relacionavam e cada um acabava aplicando a sua ideia. E a professora ao tempo todo participava também do debate.

CONSIDERAÇÕES

A realidade da escola de aula é bem diversificada. O PIBID é uma excelente oportunidade para os futuros docentes desenvolver um contato prévio com a escola e preparar-se para quando for assumir uma sala como professor (a). A maneira que foi trabalhada, com brincadeiras, dinâmicas, grupo de debates e recursos áudios visuais foi muito proveitosa, havendo um fantástico desempenho do aluno.

A principal dificuldade encontrada nessas turmas da EJA foi o tempo que era e é muito curto para fazer uma aula mais proveitosa e com uma boa aprendizagem. Porém foi observado que depois que o PIBID começou a atuar na escola, no ensino de geografia, com certeza houve um maior desenvolvimento na aprendizagem nas turmas.

A maneira que foi inserida as dinâmicas como forma de revisar e avaliar o conteúdo trabalhado foi proveitosa. Pois as turmas gostaram muito e a professora percebeu um entusiasmo na turma quando se tinha essa dinâmica e brincadeiras. Claro que para que isso fosse ter esse efeito positivo é preciso um esforço a mais do professor em realmente variar os métodos de ensino e aprendizagem do aluno, principalmente quando se fala em jovens e adultos que passam o dia trabalhando, com uma rotina cansativa.

A forma que foi trabalhada com os recursos áudios visual foi muito benéfica para o desenvolvimento da aprendizagem e da participação do grupo, porém para que se faça isso é necessário que o professor tenha tempo de planejar adequadamente as suas aulas e se preparar. É preciso que não se passe um recurso áudio visual simplesmente para mudar a metodologia, mas para melhorar e valorizar o ensino e que o professor saiba como trabalhar esse recurso em sala, conseguindo assim uma melhor participação da turma. E lembrar que mesmo sendo um vídeo que seja curto para poder haver um entrosamento legal no debate entre professor e aluno, havendo assim uma estrada de mão dupla, como dizia Paulo Freire.

Até as próprias turmas avaliaram o novo método da professora e disseram que era bem melhor se aprender assim, pois eles iam associando os assuntos com a realidade deles. E o professor não ficava falando só, pois o envolvimento da turma era bastante esclarecedor e motivador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. Geografia para a Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ALBRING, Loraine. O Ensino da Geografia na Educação de Jovens e Adultos: Por uma prática diferenciada e interdisciplinar. p.17

BORGES NETO, Fernanda. A Geografia Escolar do Aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino. Dissertação de Mestrado. Uberlândia – MG. INSTITUTO DE GEOGRAFIA 2008.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. Ensino de geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010. – (Coleção ideias em ação /coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho)

COSTA, Vanda Aparecida. Práxis Docente nas Aulas de Geografia: Uma Análise da Escola Municipal Dona Cândida Mendes Álvares na Cidade de Pirapora - Norte de Minas Gerais - Sobre Projetos e Rotinas da Escola. Pirapora/MG - novembro/2010. p. 9

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D. O. U. de 23 de dezembro de 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). Para Onde Vai o Ensino de Geografia?. 9 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

SELBACH, Simone (supervisora geral). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar / coordenação Celso Antunes).

STRAFORINI, Rafael. Ensinar Geografia: o Desafio da Totalidade-mundo nas series iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.